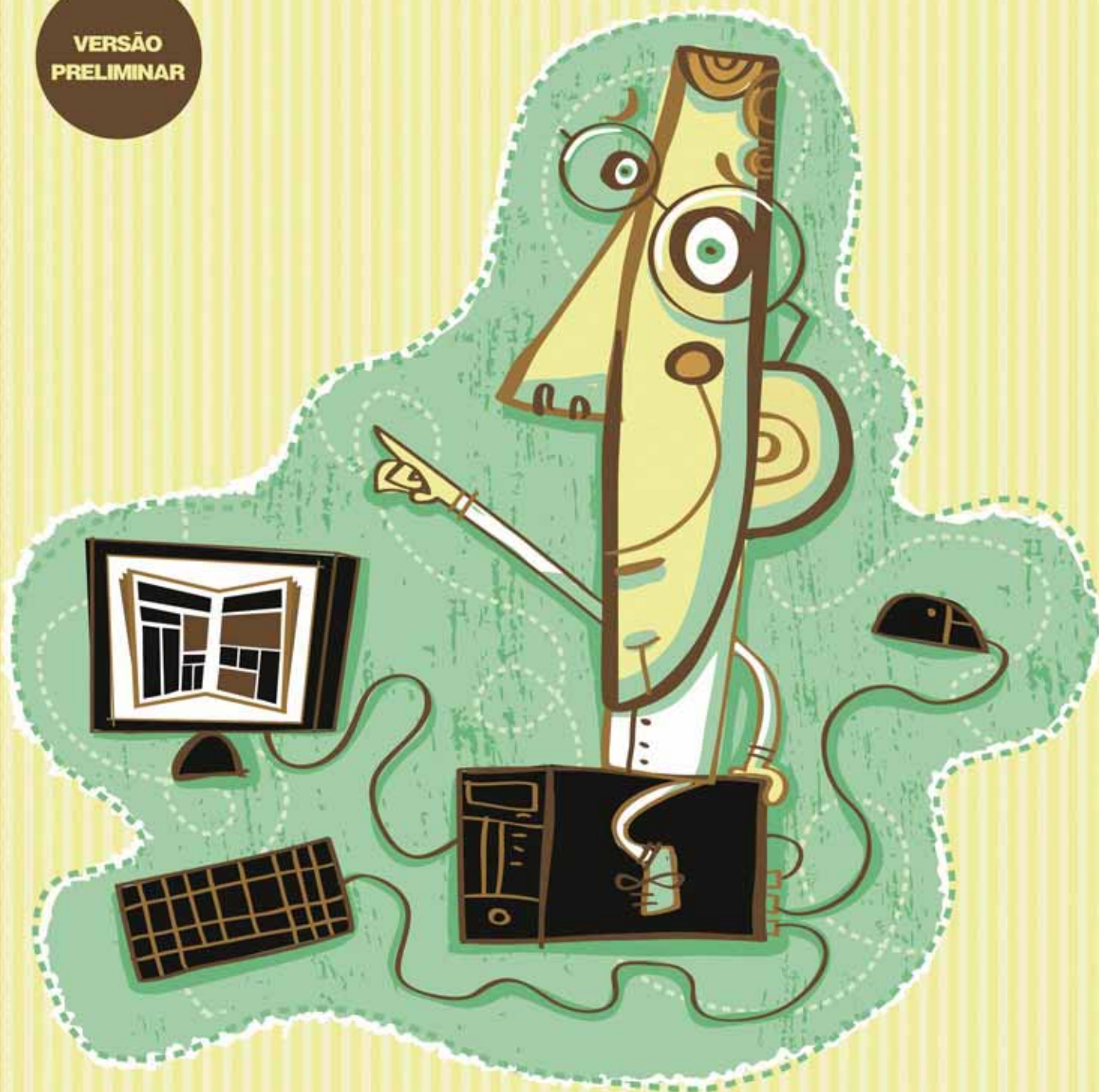


Guia do jornal escolar

VERSÃO
PRELIMINAR



Realização

Comunicação e Cultura
Rua Castro e Silva 121 - 60030.010 Fortaleza
(85) 3455.2150 - comcultura@comcultura.org.br
www.jornalescolar.org.br
www.comcultura.org.br

Parceria

Instituto C&A

Elaboração, texto e edição

Daniel Raviolo

Apoio

Marina Mesquita, Andréa Gondim

Projeto Gráfico

Carlos Machado

Capa e contracapa

Gil Diceli

Revisão de textos

Rafael Rodrigues da Costa

Imagens

Arquivos Comunicação e Cultura

Fortaleza

2010



GUIA DO JORNAL ESCOLAR NO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO

**Versão Preliminar distribuída às escolas que
participam do seu aprimoramento.**

CÓDIGO DE ÉTICA

DO JORNAL ESCOLAR

O Jornal Escolar promove os direitos humanos e democráticos em toda sua extensão; ele veicula uma visão de respeito às diferenças culturais, de gênero, sexuais, étnicas, religiosas e outras;

O Jornal Escolar é pluralista; ele não pratica censura nem oculta informações;

O Jornal Escolar tem finalidade social; ele não faz promoção pessoal ou partidária;

Em época de eleições, o Jornal Escolar não favorece a nenhum candidato, mesmo em eleições de Grêmio Estudantil, direção, associação dos servidores da escola etc.;

O Jornal Escolar não publica textos que atinjam a dignidade das pessoas; uma atenção especial é dada às piadas, que podem feri-las ou ridicularizá-las, mesmo quando parecem inocentes;

Os textos que contenham críticas são publicados junto com a versão da parte criticada, para que ela possa se defender (Direito de Resposta na mesma edição);

O Jornal Escolar não publica matérias ou charges anônimas; todas as produções são assinadas pelos autores;

O Jornal Escolar publica prestação de contas, caso tenha patrocinadores, e declara a tiragem no seu Expediente.

Definindo o Projeto Pedagógico

Não se pode pensar na produção do Jornal Escolar apenas como um "fazer". O potencial da mídia escolar é muito grande para ser realizado sem um pensamento que o oriente.

Por outro lado, aqui se aplica muito bem o ditado popular: "As aparências enganam". Com efeito, o fato de publicarmos um jornal bonito, que as pessoas elogiam, não significa necessariamente que houve algum desenvolvimento nos alunos participantes. Pode mesmo acontecer o contrário. Suponhamos, por exemplo, que na vontade de o jornal sair certinho o educador se exceda na revisão do texto do aluno, produzindo uma capacidade de expressão escrita que na realidade não existe. Os leitores do jornal provavelmente vão aprovar o resultado e parabenizar a criança, que, involuntariamente, estará participando de uma pequena fraude e tirando proveito dela. Algo condenável para a formação desse aluno.

As mídias escolares são qualificadas pelos processos de ensino-aprendizagem dos quais resultam. Um Jornal Escolar pode tanto permitir a expressão de crianças e adolescentes como reforçar tendências autoritárias. Pode resultar de processos de ensino e aprendizagem libertadores, como de uma concepção de educação "bancária" (Paulo Freire). Pode servir ao entendimento das dimensões comunitárias, como expressar uma visão narcisista dos autores. Pode manifestar uma compreensão crítica do papel da comunicação ou uma visão acomodada.

Com isso, dizemos que nada está decidido de antemão. O resultado do Jornal Escolar depende da coerência pedagógica com que for conduzido. A fidelidade dos educadores aos princípios da educação libertadora e a autocrítica em relação às práticas são condições necessárias para o sucesso da publicação.

Pergunta estratégica

A primeira pergunta que a equipe do Jornal Escolar deve se fazer é: "Já definimos o projeto pedagógico do jornal escolar?"

Entendemos como equipe do Jornal Escolar no Mais Educação, o Monitor que dará as oficinas, o Coordenador do Mais Educação, o Coordenador Pedagógico e o Diretora da Escola. Outros professores podem ser associados a essa discussão (veremos adiante que é possível a escola imprimir jornais com um grande número de páginas, o que torna possível também publicar textos realizados em sala de aula).

Um bom debate inicial permitirá dar um encaminhamento correto ao jornal. É, portanto, um investimento de tempo com alto rendimento.

Introdução ao debate

O jornal escolar é uma tradição iniciada nas primeiras décadas do século 20. O pensamento de Celestin Freinet (1896-1966), que inseriu o jornal escolar dentro de uma pedagogia articulada à ideia de aproximar a escola da vida e dos interesses dos alunos, é a principal referência conceitual.

Em 1924, Freinet introduziu a técnica da impressão (tipografia) na escola onde ensinava. Seus alunos passaram a imprimir textos de autoria própria, posteriormente enviados a outras escolas. Essa prática foi sistematizada no livro "A Imprensa na Escola" (1967). No final desta seção publicamos uma longa citação desse livro, para apresentar as vantagens pedagógicas, psicológicas e sociais do Jornal Escolar, segundo Celestin Freinet.

O Jornal Escolar é suporte de uma experiência de vida da criança, que se mobiliza para comunicar. Nesse engajamento, ela utiliza e desenvolve seu julgamento e criatividade. Assim, constrói sua autonomia.

A expressão "jornal escolar" passou, no entanto, a designar iniciativas com finalidades e características diversas. É importante entender essas diferenças, pois equívocos podem nascer da confusão semântica. Vejamos então as três perspectivas que acabam recebendo o mesmo nome.



Na primeira perspectiva, que chamaremos de **MÍDIA DA ESCOLA** (jornal da escola, rádio da escola etc.) o objetivo principal é a comunicação institucional. As mídias construídas com essa intenção veiculam informações para a comunidade escolar e procuram valorizar o trabalho da instituição. Essas características fazem com que elas sejam vulneráveis ao uso promocional - uma vontade de mostrar "tudo bonito". Assim, um acabamento de melhor qualidade é priorizado. A divulgação das produções de alunos neste tipo de mídia é, frequentemente, subordinada à intenção da escola se mostrar com a melhor cara (daí uma forte "revisão" dos textos publicados).



As **MÍDIAS ESTUDANTIS** constituem a segunda categoria de mídias feitas na escola. São produzidas autonomamente pelos estudantes, como seu nome indica, através dos múltiplos ambientes em que isto pode acontecer (Grêmios, Clube do Jornal, grupos culturais etc.). A mídia estudantil, a rigor, prescinde da participação dos professores como animadores (não como colaboradores, se os estudantes solicitarem), pois quem edita a publicação são os próprios adolescentes. Do ponto de vista da reflexão educativa, a mídia estudantil faz parte tanto do campo da educomunicação como da pedagogia do protagonismo juvenil.



As MÍDIAS ESCOLARES (jornal escolar, rádio escolar) diferem das duas anteriores, pois elas não têm como objetivo a divulgação institucional tampouco são iniciativas autônomas dos alunos. As Mídias Escolares têm sua diretriz no projeto político-pedagógico da escola, sendo um instrumento de sua proposta educativa. Consequentemente, estão focadas na aprendizagem do aluno e precisam da mediação de um educador. Isto não quer dizer que o jornal escolar seja autoritário, muito pelo contrário, como veremos a seguir. Este é o legado de Celestin Freinet e a perspectiva do Jornal Escolar no Programa Mais Educação.

É possível compatibilizar as três perspectivas?

Mesmo tendo uma visão do jornal como ferramenta da aprendizagem e do desenvolvimento do aluno, é possível que o grupo responsável deseje divulgar também informações institucionais ou do Grêmio Estudantil, por exemplo. Para que isso seja possível é necessário que o jornal tenha espaço para criar seções diferenciadas que dêem conta dessas outras perspectivas. Trataremos disso no tópico PROJETO EDITORIAL deste Guia.

Produto e processo, uma dicotomia crucial

Nas práticas com mídias escolares, existe uma tensão entre a mídia-produto (o jornal impresso, o programa de rádio) e a mídia-processo (o percurso realizado pelo aluno e o professor durante a elaboração do produto).

Nas perspectivas instrumentalistas ou autoritárias, o comando passa por um determinado patamar de qualidade ou mesmo uma intencionalidade comunicativa fixada de antemão. O processo é forçado a se adaptar a esse desejo pré-existente, o que provoca diversas distorções. É como se o professor de sala de aula, sentindo-se obrigado a apresentar redações escolares de qualidade, fizesse por conta própria as correções necessárias, mesmo que o resultado não tenha relação com a capacidade de produção do aluno.

Na perspectiva de Celestin Freinet, o produto (a mídia em sua dimensão material) expressa sempre o resultado de um processo de aprendizagem e a vivência dos alunos na sua produção. O aluno produz mídia testando e ampliando, com ajuda do educador, os limites de seus conhecimentos. Freinet alertava contra o fato de se esperar que o jornal escolar seja igual a um jornal de massa (comercial). Nunca poderia ser. A pauta (os assuntos escolhidos) nunca será tão diversificada, os textos nunca estarão tão bem escritos nem terão a mesma abordagem, a diagramação jamais será tão profissional, a impressão não terá a mesma qualidade. Veja o que ele falava a esse respeito:

Os nossos jornais não são imitações nem substitutos de jornais adultos. São uma produção original que tem a partir de agora as suas normas e as suas leis, que tem, é certo, as suas imperfeições, mas que apresenta também a vantagem histórica de abrir uma nova via de conhecimento da criança e de prática pedagógica de que o futuro mostrará a fecundidade (O Jornal Escolar).

O imperativo pedagógico de considerar como determinante o processo de produção do jornal escolar não significa, em nenhuma hipótese, que a escola deva se contentar com aquilo que o aluno é capaz de produzir de forma espontânea. O jornal escolar se insere dentro do pensamento construtivista. A criança sabe que ao escrever no jornal estará falando "para os outros". Sabe que esses "outros" vão formar uma idéia sobre o que ele escreveu ou desenhou. Ela participa, portanto, de uma experiência de vida significativa, constrói a si mesma na interação social mediada pelo jornal e fica condicionada para uma exploração frutífera ("desejante") da Zona de Desenvolvimento Proximal¹, com o apoio do professor. Seria imperdoável, então, desperdiçar a oportunidade educativa propiciada pela disposição do aluno em avançar. Falaremos sobre isso na seção BOAS PRÁTICAS PARA O JORNAL ESCOLAR deste Guia.

Vejamos, por enquanto, algumas reflexões provocadas por depoimentos de alunos que fazem jornal escolar.

O Jornal Escolar é uma experiência de vida

Depoimentos à TV Verdes Mares - Fortaleza, da Professora Evania Barroso Ferreira, coordenadora do jornal na Escola Municipal João Cirino Nogueira, da cidade de Maranguape - Ceará, e de alunos da 4ª ano dessa escola. Vídeo com os depoimentos disponível no site www.jornalescolar.org.br (depoimentos transcritos aqui sem correção)

Escrever no jornal escolar é uma experiência de vida para a criança, um fator de estímulo e motivação que abre um caminho direto para a mobilização interior necessária ao aprendizado. Suas opiniões e produções são valorizadas pela circulação na escola, na família e na comunidade. Escrever passa a ter significado pessoal e social.

"Quando eles pegam aquele jornal, eles ficam loucos para ler, para ver logo tudo que está ali, procurando o que eles escreveram" (professora)

"Acho muito legal, porque é onde a gente coloca as nossas coisas, o que a gente faz. A gente coloca o que a gente gosta também, coloca o que a gente sente" (aluna)

As crianças sentem emoção e orgulho, dois sentimentos poderosos e fortalecedores da personalidade. Elas querem dar o melhor de si, pois é sua imagem que está em jogo:

"Quando eu comecei a fazer o jornalzinho, tia, eu comecei a melhorar para

¹ Vygotsky define como Zona de Desenvolvimento Proximal a distância entre o nível de desenvolvimento real de uma pessoa (determinado pela capacidade de resolver um problema sem ajuda) e seu nível de desenvolvimento potencial.

poder sair legal, para não ficar erros quando a pessoa for ler não entender. Eu estou lendo mais e agora eu estou melhorando muito na escrita e na leitura."
(aluna)

A vontade de fazer bem se estende para além da escrita, o que remete à importância que Freinet dava ao jornal no resgate da ideia do trabalho, da "obra" que dignifica seu autor:

"Tem que ilustrar o jornal que é igual àqueles livros de história infantil clássicos; tem que ter ilustração" (aluna)

Escrever para o jornal proporciona à criança uma percepção automática de participação no espaço público. Francisco Alisson, que estava produzindo uma matéria sobre meio ambiente, relatou sua motivação à repórter que o entrevistava:

"Eu faço, passo para o jornal, mostro para os outros e os outros entendem né? Assim vai ajudar às pessoas."

E seu colega complementou:

"Eu acho que as pessoas quando lêem o jornal vão se conscientizar e vão evitar queimadas e cuidar mais e melhor das árvores e das plantas."

Escrever no jornal permite que a criança construa a consciência de si, em sua relação com o mundo. "Eu faço chegar minha mensagem 'às pessoas'". A criança que escreve no jornal está se manifestando como cidadã, e uma escola habilidosa saberá aproveitar o momento para trabalhar o surgimento de um imaginário positivo sobre a participação social.

Ao escrever no jornal escolar, a criança percebe de imediato que se tornou uma emissora de mensagens. Releia o comentário do Francisco Alisson: "Eu faço, passo para o jornal, mostro para os outros e os outros entendem, né?". Entre o fato e a consciência do seu significado não há nenhuma separação, embora essa consciência se expresse ingenuamente. A experiência é inesperada e surpreendente para as crianças, cujas opiniões raramente são ouvidas e muito menos levadas em conta. A vivência tem um grande impacto no seu imaginário (de uma vez por todas a criança passa a ter a percepção de que, por trás dos meios de comunicação, há atores de carne e osso, como ele mesmo).

Desta forma, a escola passa a ter um alicerce sólido para desenvolver uma proposta que promova a criticidade de seus alunos sobre o mundo da comunicação, essa realidade dominante da cultura contemporânea que, em muitos sentidos, se sobrepõe à própria escola.



Celestin Freinet, uma visão integral do Jornal Escolar

O pensamento de Celestin Freinet (1896-1966) constitui a principal referência conceitual sobre o Jornal Escolar. Embora o educador francês não tenha sido o primeiro a utilizar esse recurso, é com ele que o Jornal Escolar ganha amplitude e coerência, a partir de 1924.

As bases do pensamento de Freinet são o naturalismo (isto é, o respeito pela especificidade da criança) e a visão social, que se manifesta no interesse pela vida das crianças, a promoção do espírito cooperativo e a valorização do trabalho (como "obra" que libera a energia criativa do indivíduo).

Freinet enxergava na produção de jornais escolares vantagens pedagógicas, psicológicas e sociais. Os trechos que apresentamos a seguir são do livro "O Jornal Escolar", publicado originalmente em 1967 (Editorial Estampa: Lisboa, 1974).

VANTAGENS PEDAGÓGICAS (trechos)

A criança sente a necessidade de escrever, exatamente porque sabe que seu texto, se for escolhido, será publicado no jornal escolar e lido por seus pais e pelos correspondentes; por isso sente a necessidade de expandir o seu pensamento por meio de uma forma e de uma expressão que constituem a sua exaltação.

1º Usando um método natural, sem redações formais, sem repisamento gramatical, poderá atingir-se:

- Uma expressão correta e viva, cujo valor é sancionado pelos exames habituais;
- Um desejo, uma necessidade de escrever e de ler, de experimentar e calcular que estão na base de uma formação de cultura.

2º As trocas interescolares

Pelo jornal escolar, a escola estará doravante ligada a várias escolas semelhantes a nossa, situadas em diversos pontos da França e do mundo.

3º O jornal escolar é um inquérito permanente que nos coloca a escuta do mundo e é uma janela ampla, aberta sobre o trabalho e a vida

Uma escola que edita um jornal escolar não pode continuar a trabalhar segundo as normas habituais. Pela força das coisas, está na via da modernização e do progresso.

4º O jornal escolar é o arquivo vivo da aula

Por meio da imprensa e do jornal escolar, os "momentos" memoráveis da vida da classe são fixados definitivamente (...) Esquecemos o que abrangia o programa escolar de uma certa segunda-feira, mas lembramo-nos do pedaço de vida que redigimos e imprimimos, do jornal no qual foi incluído, dos desenhos e linos que o realçavam, das impressões trocadas, das interrogações feitas e das respostas obtidas, dos textos lidos e dos poemas saboreados.

Para o professor, assim como para as crianças, cada página do jornal é como um degrau na lenta escalada da educação e da cultura: ela materializa e idealiza o esforço. É a medida da Escola.

5° Teremos uma obra para mostrar

O camponês mostra-nos com orgulho o campo rico de erva ou de espigas abundantes; a dona de casa faz-nos admirar os seus cobres ou o seu gato, o artesão conserva na sua oficina as obras-primas que constituam títulos de nobreza. O professor nada tem na aula que possa testemunhar a sua ciência e devoção.

A página da vida e o jornal escolar constituem exatamente essas obras-primas quotidianas.

Nada é mais desesperante, tanto para os professores como para as crianças, do que cavar sempre o mesmo sulco sem ver germinar a colheita. Todos temos necessidade de êxitos tangíveis. O Jornal Escolar é um deles.

O jornal escolar é uma "produção", uma obra ao alcance das nossas classes e que toca profundamente no essencial da nossa função educativa. Põe-nos no caminho de uma fórmula nova de escola, aquela escola do trabalho cuja necessidade começamos a sentir, que já não trabalha segundo normas intelectualizadas, mas sim com base numa atividade social.

6° Como toda a associação de trabalhadores, a escola deve ter o seu boletim de ligação e de ação

É necessário que fomentemos estes contatos e relações entre a Escola e o meio, entre a Escola, as autoridades de ensino e os pais, mas devemos fazê-lo não apenas na base de um formalismo superficial, mas segundo um processo novo, orgânico e profundo.

Mesmo se não virmos a necessidade, por enquanto, de uma exploração pedagógica do jornal escolar, temos necessidade, no nosso bairro ou na nossa aldeia, de um boletim de intercomunicação e de ligação. O jornal escolar constitui a solução prática desejável.

7° O nosso jornal escolar será o "reflexo da nossa aula"

O nosso jornal escolar falará por nós. Certamente será a expressão das crianças que terão sido os seus principais artesãos. Mas o valor dos seus textos, o cuidado e a arte postas na apresentação, a humanidade e a espiritualidade que dele se libertam, são justamente os produtos da Escola, os frutos da nossa pedagogia.

Quando passamos diante de um jardim bem cuidado (...) não dizemos simplesmente: que boa terra! e que lindas plantas! Dizemos também: que jardineiro tão hábil e sensível!

8° O trabalho bem feito

Em todos os domínios, o trabalho bem feito é sinal de um equilíbrio feliz, de uma concentração sempre benéfica, de hábitos preciosos de medida e ordem e também da inserção da atividade encarada num complexo de vida e segundo uma filosofia.

E é em verdade que tais conquistas estão entre as mais importantes de uma boa educação.

Aplica-te! Sê mais cuidadoso! Pensa no que fazes! Estas são as recomendações incessantes da Escola e, como todas as recomendações, tornam-se inúteis, porque apenas visam a forma e o resultado do esforço, quando afinal esse mesmo esforço só pode ser proveitoso se estiver harmoniosamente inserido numa regra de vida.

Quando a criança estuda uma lição, copia um texto ou faz uma redação, cumpre os seus "deveres". Para ela, a finalidade imediata é obter uma boa nota ou, pelo menos, evitar sanções.

(...) Não vale a pena dizer aos pequenos tipógrafos: cuidado com a técnica de impressão! Todas as crianças sentem bem que uma página rasurada é um fracasso e ninguém gosta de fracassos.

O jornal escolar que se distribui ou se envia pelo correio deve ser perfeito, visto que é por ele que nos julgarão e todos nós gostamos de ser julgados favoravelmente.

9º O jornal e as aquisições escolares

Mas, pensarão talvez os educadores tradicionais ainda por convencer, não negamos que esse método e, em particular, a realização do jornal escolar sejam grandemente favoráveis a uma formação profunda dos nossos filhos.

Contudo, na prática, objectarão eles, temos de ensinar a redação, a gramática, a ortografia, o cálculo, as ciências e a história. E esta preocupação, que consideramos primordial, açambarca-nos as horas e os dias. Teremos o direito de nos aventurar por caminhos desviados, que talvez até sejam estradas principais, mas que não nos permitem ir direito ao fim, cumprindo os programas? Vamos explicar, resumindo:

- Que o jornal escolar, motivação ideal do nosso método de expressão livre, é o melhor exercício de redação, de ortografia e de gramática vivos. (...)
- Pelos vários inquéritos e intercâmbio escolar, estudamos cuidadosamente o meio ambiente, sob o ponto de vista histórico, geográfico, científico e social. Teremos portanto ricos e seguros elementos de base para uma sólida aquisição das noções exigidas pelos programas.
- Mas afirmamos sobretudo que a qualidade dos progressos, sejam escolares ou extra-escolares, vem sempre da nossa sede de conhecer e de agir e do interesse que pomos no nosso próprio trabalho.

Por meio do jornal escolar despertamos esta curiosidade e este interesse; permitimos que eles se afirmem: damos aos nossos alunos qualidades de gosto, aplicação e minúcia que são a nobreza de todo o bom trabalhador.

E sabe-se bem que, quando as nossas crianças têm este desejo e este gosto pelo trabalho, quando despertamos os seus interesses e lhes sabemos satisfazer as necessidades, podemos levá-las ao fim do mundo ou, melhor, elas irão ao fim do mundo: basta que as saibamos ajudar técnica, social e moralmente.

Este é o papel do nosso método de educação.

VANTAGENS PSICOLÓGICAS *(trechos)*

1º Normalização do meio onde a criança vive

O que é certo é que ainda hoje, segundo as concepções da Escola e da Educação, se cria uma dualidade lamentável nas funções maiores do indivíduo: a família, a aldeia ou a rua tem as suas normas, forma de instrução moral e tipos de cultura. A Escola trabalha segundo normas deliberadamente diferentes, opostas na maior parte das vezes, que lançam a confusão no comportamento das crianças e contribuem para a sua desadaptação.

Com o nosso método superamos esta dualidade. A criança chega a nossa classe com os sentimentos, preocupações, necessidades e inquietações que pouco a pouco modelam a sua personalidade. Não lhe dizemos: "abandona esse hábito, mesmo que já faça parte de ti... vamos ensinar-te outra coisa, por outros meios, com outros processos!"

Tomamos a criança tal como ela é e, usando técnicas de trabalho semelhantes as do meio familiar e social, mas com uma maior riqueza experimental esforçamo-nos por lhe permitir ir mais longe e mais alto nos caminhos da verdade e da humanidade.

O simples fato de harmonizarmos, pelas nossas técnicas, a vida escolar e a vida familiar e social é, sem dúvida nenhuma, de grande alcance na formação psíquica e psicológica das crianças.

2º A disciplina nova, disciplina do trabalho

A substituição de um modo de vida estranho aos hábitos correntes do meio só se pode fazer recorrendo à autoridade - direta ou indireta - e esta, sob qualquer forma que se apresente, é sempre origem de conflitos que nada mais fazem do que agravar as dificuldades nascidas do dualismo educativo que denunciámos.

Pensamos mesmo que a quase totalidade dos complexos psíquicos e psicológicos provém de uma má solução dada aos problemas de disciplina, isto é, aos problemas da coexistência harmoniosa dos indivíduos e grupos.

A "normalização", seja na Escola ou na fábrica, visa atenuar estes conflitos disciplinares. Conseguimo-lo ainda fazendo as crianças enveredar por caminhos que as levarão mais seguramente ao fim a atingir e que se baseiam todos no trabalho.

Restituímos a esta noção de trabalho - sobretudo pelo texto livre e pelo jornal - toda a sua nobreza e alcance; possibilitamos que a criança se oriente; damos-lhe razões novas para viver e agir, o que contribui certamente para o progresso psicológico desejado.

3º A expressão livre das crianças

Uma parte importante das perturbações de carácter provém igualmente do fato de que a criança na Escola não tem a possibilidade de exteriorizar as suas necessidades, sentimentos e tendências.

A Escola, que durante tanto tempo desprezou estes complexos psíquicos obstinando-se em ignorá-los, substituíra estes sentimentos por pensamentos e emoções dos clássicos e dos "mestres". Esquecia que todos nós temos humanamente necessidade de dizer, gritar e cantar as nossas alegrias, esperanças e desgostos.

Utilizando o texto livre e o jornal escolar, alimentamos e exploramos esta necessidade de exteriorização da criança. Tecnicamente, é desta necessidade que partimos para todo o trabalho de instrução e educação que vamos empreender.

4º A libertação psíquica

As recentes pesquisas da psicanálise contribuíram para pôr em relevo os perigos que constituem para o indivíduo a incapacidade em que se encontra de exteriorizar os seus problemas.

Guardamos conosco segredos que nos obcecaram e nos corroem porque suscitam

complicações para as quais não conseguimos encontrar sozinhos a solução.

O simples facto de o indivíduo exteriorizar estes problemas, de os lançar no circuito coletivo e social, de esperar portanto soluções favoráveis, constitui uma descarga moral, ou melhor, uma descarga psíquica que nos permite reagir mais sensatamente (...).

A Escola habitual desinteressa-se disso totalmente, por princípio e até por técnica, podíamos dizer. Age como se a criança que acolhe fosse uma matéria nova, sobre cujos destinos às especulações da Escola pudessem prosseguir independentemente de todas as realidades prévias que a condicionam.

A criança tem mau caráter, não é sociável, parece estranha à vida da comunidade. A Escola regista e sanciona. Mas um texto livre revelar-nos-á um dia qual o drama secreto que açambarca permanentemente as inquietações do seu autor. Uma rapariguinha chega à aula sempre tarde, suja e mal penteada. Nunca lhe faltam justificações fantasistas que nos fazem atribuir-lhe uma imaginação anormal e perversa.

Mas os textos livres contar-nos-ão, abertamente ou não, a situação familiar dramática daquela criança. Saberemos doravante as tarefas com que é sobrecarregada de manhã, a pouca afeição que encontra na família e que ela compensa por uma ligação comovente às suas galinhas e cordeiros.

Esta revelação vai modificar profundamente - ainda bem, aliás - a situação escolar desta criança; serão estabelecidas novas pontes e abrir-se-ão vias novas à intercompreensão - tudo isto pode estar na origem de verdadeiras ressurreições.

5º Trabalho produtivo

Uma das causas atuais do desequilíbrio individual e social provém certamente do facto de na nossa época já quase não se conhecerem as alegrias do trabalho. O trabalhador na fábrica "esfola-se" (tem razão em não pronunciar neste caso a palavra sagrada do trabalho) "para ganhar a sua cêdea" e não para produzir uma obra valiosa - preocupação acessória. A criança "marra" sem objetivo nem razão para passar nos exames e ganhar também ela o seu pão por uma situação se possível bem assegurada. (...)

A Escola deve voltar a dar a esta noção de trabalho todo o seu eminente valor individual, social e humano.

O jornal escolar é o protótipo deste trabalho novo. Para se dedicar a ele, a criança deixa de ter necessidade do estimulante das notas, do lucro material ou da atração do jogo.

Ainda que o jornal escolar apenas desse à Escola essa atmosfera nova de atividade criadora e funcional, ele não agitaria menos profundamente uma pedagogia que nos anos vindouros se irá inscrever sob o signo do trabalho.

6º Uma pedagogia de sucesso

Em todos os domínios, o fracasso é um destruidor de personalidades. Na criança está sempre na base de taras graves, desde a hesitação até à gaguez e à anorexia fisiológica e mental.

Por intermédio do jornal escolar, a criança é bem sucedida: triunfa com o seu texto, que se torna uma página definitiva difundida na aldeia e através do espaço: triunfa com a sua gravura e os desenhos que dão beleza à obra coletiva.

Realizemos um belo jornal. Organizemo-nos tecnicamente para que ele seja, sem graves riscos, o triunfo que nos honrará. Pouco a pouco na nossa aula e na nossa vida ir-nos-emos habituando a salientar os êxitos que dão esperança e energia. Progressivamente iremos atirando para a tralha dos processos caídos em desuso os exercícios, as sanções, as provas que são apenas uma técnica de fracasso.

É a andar que se experimenta o movimento; é trabalhando na forja que nos tornamos forjadores. É animando a vida que nos treinamos a viver útil e generosamente.

VANTAGENS SOCIAIS *(trechos)*

1º O jornal escolar é um trabalho de equipe que faz a preparação prática para a cooperação social das crianças

- A impressora tem os seus responsáveis, cuja vigilância é seria porque condiciona uma atividade social cuja necessidade é sentida pela turma inteira.
- O trabalho de cada aluno faz parte de um todo que necessita de diligência, aplicação e perfeição.
- Na equipe de três ou quatro alunos que fazem a tiragem, cada um deve desempenhar corretamente a sua tarefa.
- Todo o ato que possa alterar o bom funcionamento da impressão é sancionado pelo grupo ou equipe que faz questão de cumprir bem o seu trabalho.

Em todas as fases do seu processo, a edição e a difusão do jornal escolar são a melhor das preparações para as responsabilidades sociais.

2º O jornal escolar pressupõe a cooperação escolar

O jornal escolar não pode deixar de ser cooperativo. Para recebê-lo, teremos a obrigação de prever uma organização que possa assegurar a instalação e conservação das instalações *[Freinet fala aqui da impressora, pois na França cada escola tinha seu próprio equipamento]*.

Assim poderá ser constituída a cooperativa escolar que, durante muito tempo se irá cristalizar à volta de um jornal que será o seu órgão oficial.

3º O jornal escolar é a melhor solução para a indispensável ligação com os pais

A ligação Escola-Pais, mais indispensável do que nunca, é realizada "tecnicamente" pelo jornal escolar que, todos os meses, leva às famílias o aspecto original da vida da aldeia, vista pelos olhos das crianças.

Aliás, acrescentando algumas páginas especialmente destinadas aos pais, pode-se fazer do jornal escolar um verdadeiro jornal da aldeia, sem comprometer as vantagens pedagógicas da iniciativa.

Com efeito, o que os pais esperam do jornal escolar, não é tanto as notícias da região - que eles conhecem - mas mais os aspectos originais do trabalho dos seus filhos.

Excepcionalmente aliás, certos números especiais poderão incidir sobretudo neste papel de ligação: organização de permutas e viagens de permuta, preparação de festas, monografia da aldeia, inquéritos, contos etc.

4º O jornal não será tabu

E guardamos para o fim a vantagem, ao mesmo tempo individual e social, que consideramos como a mais importante e eficaz no que diz respeito à formação do homem e do cidadão.

Uma das grandes falhas da nossa cultura (...) é o fato grave de, para as crianças e adultos da nossa época, o texto impresso ser tabu.

O jornal sobretudo é tabu. Está escrito... está impresso. Não vinha no jornal se fosse falso! É desta fascinação pelo texto impresso que vivem os jornais de grande tiragem e as organizações de propaganda que se servem deles como instrumento. É este "atafulhar" sistemático de espírito que falseia tão tragicamente nos nossos dias os próprios princípios das nossas democracias.

Hoje, o jornal pensa pelos seus leitores. Aquilo que pessoas inteligentes e instruídas escreveram e imprimiram só pode ser a verdade. O público abstém-se de criticar. E muita sorte haverá se não apedrejar os originais que continuam a ter idéias próprias e que se atrevem a exprimi-las!

Infelizmente, a escola tradicional prepara esta submissão dos indivíduos perante a nova deusa: a imprensa. Os primeiros textos apresentados às crianças são naturalmente textos de adultos. Lá estão eles, impressos na cartilha. Não sabemos o que querem dizer, mas são textos de leitura, que é preciso papaguear antes de tentar compreender, se é que merecem ser compreendidos.

Quando chegar a altura de abordar a redação (...) a criança vai repetir e copiar as frases impressas nos livros ou que foram ditadas pelo mestre. Em ciências, história, geografia, as aulas e os resumos tomam o lugar da informação e das experiências.

Então a criança convence-se lentamente que o seu próprio pensamento - como aliás os seus atos - são e deverão ficar insignificantes e que só terá valor o pensamento majestoso amplificado pelos livros e jornais. Está portanto pronta a receber as novas ditaduras.

Conosco a criança compõe página a página o seu próprio jornal que, como todas as criações humanas, comporta a sua parte de erros e incertezas. Sabe doravante como se fazem os inquéritos, como se conduzem as reportagens, como se prepara e se deforma a bela profissão de escritor ou de jornalista.

Utilizando o texto livre e o jornal, habituamos os nossos alunos a uma crítica da imprensa, a aceitação e procura dessa crítica. (...) Aprendem, por experiência, a julgar as obras que lhe são apresentadas e rapidamente se tornam aptos a descobrir o que se esconde de falso e contraditório nas imponentes rubricas dos jornais.

O mesmo acontece sob o ponto de vista histórico e científico. Os nossos alunos fazem prospecções e pesquisas cujos resultados não se enquadram



forçosamente nas afirmações dos livros. Não estão convencidos de antemão que são eles que não têm razão e o livro é que está certo.

Alunos das nossas aulas criticaram assim páginas de manuais, esboços de história e de ciências; escreveram as suas observações aos editores e aos autores que, em certos casos, reconheceram o fundamento das suas críticas.

E não é de menor importância que, com tais bases, tenhamos dado aos nossos alunos a idéia que consideramos decisiva de que tudo o que lhes é ensinado pode ser reconsiderado, que os pensamentos mais importantes podem e devem ser passados ao crivo da sua própria experiência, que o conhecimento se conquista e a ciência se faz.

No dia em que os cidadãos saibam que o seu jornal pode mentir ou, pelo menos, apresentar como definitivas soluções que são apenas um aspecto parcial dos problemas impostos pela vida; quando estiverem aptos a discutir com prudência mas também com ousadia; quando tiverem essa formação de experimentadores e criadores que nos esforçamos por lhes dar, haverá então qualquer coisa de diferente nas nossas democracias.

Boas práticas para o jornal escolar

Ao escreverem no jornal, crianças e adolescentes sabem que estarão se expondo publicamente. Muito humanamente, estarão propensos a dar o melhor de si e a fazer o esforço necessário para aprimorar sua obra pessoal. Seria imperdoável um educador não aproveitar esse momento.

“A criança e o adulto têm a mesma natureza”
– Primeira das 30 Invariantes Pedagógicas, sistematizadas por Freinet em 1964.

Desafios

Falamos a seguir sobre os três principais desafios postos aos educadores que trabalham com Jornais Escolares: como escolher os conteúdos, como aprimorá-los e como selecionar as produções que serão publicadas.

1 ESCOLHA DOS CONTEÚDOS

Qual será o conteúdo do Jornal Escolar? Eis um primeiro tema de reflexão para os educadores. Já tratamos desse tema indiretamente ao apresentar as reflexões sobre o PROJETO PEDAGÓGICO DO JORNAL ESCOLAR anteriormente.

Dentro da coerência pedagógica proposta por Celestin Freinet, o potencial renovador da produção do jornal desapareceria por completo se os conteúdos fossem determinados pela tradição da redação escolar, na qual o professor escolhe o tema sobre o qual se irá trabalhar, e o aluno tem de se adaptar a uma diretriz que não necessariamente reflete seus interesses e sua vida. Um dos fundamentos do Jornal Escolar é justamente permitir a expressão dos autores, o que conflui para os objetivos da educação integral no que diz respeito à promoção da cidadania e da participação.

Na definição dos conteúdos do jornal, o educador tem algumas opções legítimas do ponto de vista pedagógico:

1. Conteúdo livre

É um enfoque totalmente respeitoso dos interesses¹ dos alunos, pois cada um escreve sobre o tema que quiser, escolhendo também o gênero textual.

¹ A descoberta de que é o interesse da criança que constitui o “motor” da aprendizagem é um dos maiores avanços da pedagogia. Essa descoberta, junto com o conceito de “atividade”, fundamentou o movimento da Escola Nova. Esquemáticamente, pode-se dizer que não é o professor que ensina, mas a criança que aprende. Faz isso seguindo seus interesses e necessidades.

2. Conteúdo livre, dentro de gênero predefinido

O educador determina o gênero textual, ficando os alunos livres para escolherem o tema sobre o qual desejam escrever.

3. Conteúdo direcionado para área temática, sem gênero predefinido

Neste enfoque há um direcionamento para uma determinada área temática que deverá ser suficientemente ampla e genérica, para possibilitar diversas abordagens (exemplos: cultura na comunidade, papel da escola, aquecimento global etc.). A escolha de uma área predefinida deve ser problematizada junto aos alunos (veja abaixo).

4. Área temática e gêneros predefinidos

É o enfoque de maior risco do ponto de vista da expressão do aluno, que fica preso a dois condicionantes do educador (gênero textual e área temática). Não é impossível trabalhar deste modo, mas a vigilância deve ser redobrada na problematização da área temática, para o jornal não se afastar da vida dos alunos, perdendo seu sentido pedagógico.

O Jornal Escolar permite combinar vários desses enfoques. Por exemplo, determinada parte do jornal fica disponível para gêneros textuais e conteúdos livres, outra parte tem orientação temática ou de gênero textual. Como se pode ver na seção DEFININDO O PROJETO EDITORIAL deste Guia, é possível que o Jornal Escolar tenha um número suficiente de páginas para que isso aconteça.

Problematização

Do ponto de vista didático, o desafio lançado aos educadores é conciliar os quatro termos da questão, que são:

- A aprendizagem;
- A expressão livre de crianças e adolescentes;
- O trabalho cooperativo;
- A leitura crítica do mundo.

A problematização permite escolher os conteúdos das mídias escolares a partir da investigação e da discussão sobre o contexto sociocultural dos alunos. Ela ocorre através do diálogo entre educando, educador e mundo (Paulo Freire, “Pedagogia do Oprimido”). É nesse momento que surgem os temas geradores, sobre os quais se vai trabalhar. Esses conteúdos são o ponto de partida para a descoberta e construção de diversos saberes.

Passos da problematização:

1. Investigação, por parte do professor, de temas relativos à realidade dos alunos;
2. Estímulo para os alunos expressarem seus interesses e conhecimentos sobre essa realidade, dialogando sobre as situações expostas pelo educador;

3. Seleção do(s) tema(s) gerador(es) da produção a partir das situações apresentadas; essa escolha é realizada pelos alunos de forma participativa;
4. Incentivo para os alunos investigarem sobre a temática escolhida, por meio de pesquisas em livros, revistas, jornais, internet e entrevistas com pessoas ligadas ao assunto.

O respeito à liberdade de expressão dos alunos pode criar situações delicadas, quando eles tocam em assuntos que a direção ou os professores prefeririam não ver abordados. O pior reflexo, nesses casos, é a censura, que destrói o próprio projeto da educação integral. Aconselha-se atuar dentro do respeito da liberdade de expressão dos alunos, condicionada a algumas normas básicas, como a obrigação de "ouvir o outro lado" e mesmo conceder direito de resposta. É claro que, em nenhuma hipótese, a liberdade de expressão pode ser entendida como direito de difamar, caluniar ou invadir a privacidade de outras pessoas.

2 APRIMORAMENTO DOS CONTEÚDOS

A revisão e correção da produção do aluno é essencial em dois aspectos:

- Não existe progressão se a pessoa não trabalha para ampliar seus limites, revisando e aprimorando aquilo que já consegue fazer em determinado momento do seu desenvolvimento. A cada fase, abre-se uma Zona de Desenvolvimento Proximal (Vygotsky) que o indivíduo explora com a ajuda do educador.
- A escola não pode divulgar produções que vulnerabilizem o aluno, expondo-o a piadinhas e mesmo a reprimendas. Isso seria um contrasenso no plano moral e educativo. Afinal, a produção de mídia escolar está fundamentada em uma Pedagogia do Sucesso (Freinet) que enaltece as vitórias dos alunos.

Assim, recomenda-se que o educador organize sucessivas revisões e correções das produções, com o objetivo de aprimorá-las. Com efeito, não existe melhor momento para a compreensão da utilidade da revisão e da correção que no momento do aluno enviar seu texto para o jornal. É quando ele percebe a visibilidade que irá adquirir na sua comunidade e se motiva para realizar um bom trabalho.

É possível fazer autorrevisão, revisão coletiva, revisão em pequenas turmas - nos dois últimos casos, a participação dos pares é um valor agregado - ou exercícios individuais com o monitor (muito útil para o trabalho com alunos que precisam de mais atenção). Cabe ao educador escolher e combinar essas possibilidades. O apoio do Coordenador do Mais Educação na escola, ou mesmo do Coordenador Pedagógico, pode ser importante para orientar o monitor nessa revisão, caso este não tenha formação ou vivência para tanto.

É importante enfatizar que a revisão de um texto não é o momento final. Esse é um trabalho constante, feito a cada momento em que se volta ao texto, cuja produção está sempre em andamento por meio dessas reescritas. Planejar, escrever e revisar não são atividades

sucessivas e rígidas. Elas se fundem no momento em que se volta a olhar para um texto trabalhado em um momento anterior, pois toda produção pode ser modificada pela crítica e pela criatividade.

O que fazer com textos de crianças não alfabetizadas?

Quando os textos são publicados na forma manuscrita - que é usualmente o caso de produções das pessoas não alfabetizadas -, o fato de a escrita ser "hesitante" indica ao leitor que o autor é uma pessoa em alfabetização. Isto modifica totalmente sua percepção do que seja um "erro". Para reforçar esta noção, os jornais podem reunir esses textos em uma seção específica, com o aviso "Esta seção do jornal publica textos de alunos em fase de alfabetização" ou texto parecido.

Limite

A revisão e a correção dos textos, dinamizadas pelo educador, têm um limite intransponível, que é o respeito das ideias e da capacidade de expressão do aluno. Não se trata de inventar uma capacidade de produção inexistente. O texto, mesmo simples, é válido se expressa o máximo do esforço do aluno, ainda que com a ajuda do educador.

A invenção de um texto fora da possibilidade de expressão do aluno é uma pequena fraude da qual o aluno participa involuntariamente...

Por outro lado, é necessário distinguir imperfeição e erro. Uma produção pode não ser perfeita, mas não deve apresentar erros (de ortografia, de informação etc.). Imperfeições podem ser aceitas, como limitação inerente ao momento da aprendizagem e/ou ligada à capacidade expressiva do aluno; erros não.

A aplicação dessas duas recomendações precisa de uma apreciação subjetiva do educador.



3 SELEÇÃO DE PRODUÇÕES

Frequentemente é difícil, se não impossível, divulgar a produção de todos os alunos no Jornal Escolar. Em um programa com grande número de alunos escritores, o melhor que se pode fazer é publicar um texto a cada duas edições. Isso só é viável, contudo, se o jornal tiver um número relativamente grande de páginas (felizmente isso é possível com o apoio do Programa Mais Educação, veja DEFINIÇÃO DO PROJETO EDITORIAL neste Guia).

Selecionar o que será publicado é um ato delicado, pois um encaminhamento errado pode gerar frustrações e mesmo conflitos dentro do grupo. De início, deve ficar claro que o caminho mais fácil - a seleção feita pelo próprio educador - é também o caminho menos produtivo. Com efeito, mesmo sendo uma seleção "justa", compromete um aspecto fundamental do Jornal Escolar, que é a aprendizagem da cooperação. No momento da seleção das produções, esta aprendizagem acontece por meio dos debates e mesmo de votações entre os alunos, para a escolha das produções a serem divulgadas. Quando a edição é feita pelo educador ou mesmo um pequeno grupo de alunos (um aluno Diretor, um aluno Editor, outro Chefe de Arte etc.), a mídia volta a se inserir na tradição "verticalista" da escola, perdendo boa parte de seu potencial transformador.

Já a proposta da seleção cooperativa abre um novo campo. Nesta segunda via, de início, o educador deve esclarecer aos alunos o problema enfrentado: não há, objetivamente, espaço para todas as produções e terá de haver uma seleção. Um bom Combinado (acordo de trabalho) permite guiar essa discussão:

- Todos os alunos terão chances iguais de divulgação;
- As produções serão escolhidas democraticamente;
- Os mesmos alunos não poderão ser sempre selecionados;
- As produções indicadas passarão por processo de aprimoramento, no qual todos os alunos poderão fazer recomendações;
- O professor poderá ter uma cota de produções para indicação própria (veja item seguinte)



Situações excepcionais de seleção

É legítimo que o educador tenha direito a uma cota de indicações, para garantir a divulgação de produções que considere importantes. Pode-se imaginar facilmente uma situação em que deseje publicar um texto de um aluno com necessidade de reforçar sua autoestima, seja porque está passando por um momento difícil em sua vida pessoal ou porque aquela produção representa uma conquista dentro de sua aprendizagem e merece ser valorizada.

Se essa possibilidade for esclarecida desde o início e fizer parte dos acordos, certamente não haverá nenhum problema de aceitação por parte dos demais alunos. Transparência é fundamental nesse processo.

Aliás, é importante o educador se manter crítico a respeito do significado da palavra "qualidade" em educação. O texto de melhor qualidade de uma turma, para um bom educador, é aquele que expressa o maior avanço e a maior superação dos alunos - e não o que é "melhor" em relação a parâmetros externos e absolutos.

Produção cooperativa

Para reduzir os problemas colocados pela seleção, uma possibilidade é realizar produções cooperativas, nas quais vários alunos trabalham no mesmo texto. A produção cooperativa não é uma obrigação, pois é possível trabalhar com produções individuais, revisões participativas e seleção democrática dos textos publicados no Jornal Escolar.

Não obstante, para jornais com pequeno número de páginas e muitos alunos participantes, a produção cooperativa pode ser um caminho necessário.

A cooperação pode ser mais ou menos completa. Na produção coletiva, todos os alunos participam de todas as etapas de determinada produção. O tema do texto é escolhido de comum acordo, a redação e a ilustração são feitas em conjunto. O grande desafio é manter a identidade individual, algo mais fácil se os grupos de trabalho forem pequenos (não mais de 4 ou 5 alunos).

O recurso da produção cooperativa só é válido se o monitor tiver condições de evitar a centralização. O excesso de vontade de liderar ou as desigualdades nas competências comunicativas podem fazer com que alguns alunos realizem o essencial das atividades, enquanto a maioria fica quase na posição de observador, sem aprendizagem. Quanto maior for o grupo, maior o risco de tais problemas acontecerem.

Uma solução que apresenta menos dificuldades técnicas de motivação é a divisão de tarefas. Um aluno fica encarregado do título, outro da redação, um terceiro da ilustração. Ou dois alunos fazem a pesquisa, outros dois a redação. As possibilidades são muitas. Na divisão de tarefas, a cooperação também existe, mas sua densidade é menor do que na produção coletiva.

Aqui a frustração do aluno pode vir do fato de não constituir o mesmo desafio, nem gerar a mesma satisfação, produzir o título e a matéria do jornal. O educador pode, porém, guiar a constituição dos grupos e a divisão de tarefas para que estas sejam desafiadoras para todos, considerando o momento e a aprendizagem de cada um (este esquema é muito útil quando

existem no grupo alunos com diferentes graus de domínio da escrita e mesmo não alfabetizados). O educador pode, também, estabelecer um rodízio na distribuição de responsabilidades na sucessão de produções durante o ano.



Autoria

É muito importante que a autoria seja reconhecida. O elogio de uma pessoa querida a um artigo ou desenho publicado no Jornal Escolar é um estímulo que pode fazer a diferença em toda a história de aprendizagem do aluno.

Para que isso possa acontecer, os textos devem ser assinados com nome, idade e série do autor. Ao assinar com seu nome, entre outras coisas, estaremos também ensinando à criança algo importante no mundo da comunicação: a necessária responsabilidade com o que se escreve e com o que se diz.

Definindo o Projeto Editorial

Chamamos de PROJETO EDITORIAL a definição de parâmetros como periodicidade da publicação, tamanho do jornal, tipo de impressão, número de páginas e como serão ocupadas.

O PROJETO EDITORIAL complementa o PROJETO PEDAGÓGICO, pois as questões técnicas têm influência na inserção do jornal na comunidade escolar e mesmo no seu rendimento como instrumento pedagógico, como se verá a seguir.

Dedicar algum tempo e atenção à definição do Projeto Editorial é uma boa decisão.

Pense neste momento no Projeto Editorial ideal. Depois é só checar se o custo de impressão cabe no orçamento (veja ponto 8).

Decisões básicas

1 Periodicidade

Recomendamos publicar uma edição do jornal a cada dois meses ou a cada 45 dias, no máximo. Fazer um jornal mensal provoca uma correria pouco propícia à realização de um bom trabalho. Considere que, além da produção dos textos – impossíveis de ser feitos de um dia para outro quando se pretende que haja aprendizagem –, há a distribuição da publicação, sua leitura e avaliação. Melhor do que publicar todo tempo é fazer jornais com mais páginas (mais alunos podem publicar).

2 Quantidade de páginas

Cada aluno deveria ter pelo menos um texto publicado a cada duas edições. O fato de ter sua produção divulgada constitui um importantíssimo fator de motivação, garantindo uma ótima predisposição para a aprendizagem.

O número mínimo de páginas para que isso possa acontecer, na experiência do Comunicação e Cultura, é o que segue na tabela a seguir.



Alunos na turma	Páginas necessárias
60	5
80	7
100	8
120	10
140	12
160	13
180	15

Se a escola imprime seu jornal em folhas A4 (= duas páginas), deve arredondar para múltiplos de 2. Se imprime em folhas A3 (= 4 páginas), deve arredondar para múltiplos de 4. Veja como fica:

Alunos na turma	Páginas necessárias (mínimo)	
	Impressão em A4	Impressão em A3
60	6	8
80	6	8
100	8	8
120	10	12
140	12	12
160	12	16
180	14	16

3 Tiragem do jornal

O jornal tem de circular. Cada aluno da escola deveria receber um exemplar. Exemplares extras também poderiam ser distribuídos na comunidade. Já imaginou o jornal da escola no salão da cabeleireira ou na padaria? Pense também na possibilidade de trocar jornais com outras escolas do município ou mesmo do Brasil inteiro. Essa é uma tradição no jornal escolar.

Mas evite imprimir uma quantidade exagerada, que acabe sobrando. O meio ambiente agradece!

4 Qualidade de impressão

A qualidade de impressão influi na percepção que os alunos têm da importância do jornal. Jornais com cópias parcialmente apagadas tendem a ser desvalorizados, tanto pelos redatores como pelos leitores. O mesmo acontece com jornais compostos por folhas soltas ou grampeadas.

É necessário imprimir colorido? Não. A expectativa de qualidade a respeito de um jornal escolar não é a mesma de um jornal comercial ou de uma revista (veja o que falou Freinet, citado anteriormente). Os leitores não têm essa percepção. Então, se imprimir colorido couber no orçamento, tudo bem. Se não, pode-se realizar a impressão em preto e branco sem nenhum problema.

É possível imprimir em papel branco ou em papel jornal. Este último tem o charme de ser jornal, portanto já fala do próprio produto.

Papel reciclado: só gráficas que imprimem em offset podem usar papel reciclado (que de fato, é parcialmente reciclado). A impressão e o insumo são bem mais caros.

5 Só publicam no jornal alunos do Mais Educação?

Eis uma questão importante, que merece reflexão.

Recomendamos abrir espaço para os alunos que não participam do Mais Educação também publicar suas produções, que podem ser espontâneas ou realizadas em sala de aula, em trabalho orientado pelos professores. Desta maneira, o jornal representa um fator de unidade da escola e expressão do trabalho de todos os seus integrantes. Os textos dos alunos que não fazem parte do Mais Educação podem ser agrupados em uma seção específica, eventualmente.

Se a opção for esse espaço para outros alunos, talvez seja necessário aumentar o número de páginas do jornal (ponto 2). Mas veja o item seguinte, antes de refazer o cálculo.

6 A direção e os professores terão um espaço no jornal?

É possível, se o jornal tiver um número suficiente de páginas (essa participação não pode anular o aspecto principal, que é o jornal como resultado de processos de ensino-aprendizagem). Não dedicar a este tipo de conteúdo mais de 1/8 da publicação – meia página para jornais de 4 páginas, 1 página para jornais de 8 páginas e assim por diante. Recomenda-se identificar esse espaço com vinhetas como “Informes da Escola”, “Fala Professor” ou algo semelhante.

7 Preparando o Projeto Editorial

Tomadas essas decisões, já é possível realizar o Projeto Editorial. Depois é só conferir o custo (veja a instrução 8)

PROJETO EDITORIAL Tiragem: Tipo de papel (branco ou jornal): Periodicidade:	
Quantidade de páginas para os textos produzidos pelos alunos do Mais Educação durante as oficinas (1).	
Quantidade de páginas para outros textos produzidos pelos alunos do Mais Educação, em produção independente, fora das oficinas do jornal (1).	
Quantidade de páginas para as produções dos outros alunos da escola (produção espontânea ou realizada em sala de aula).	
Espaço para a direção, Conselho Escolar, professores.	
Total de páginas (2).	
(1) Ver as tabelas apresentadas anteriormente para o cálculo do espaço mínimo necessário. (2) Deve ser um múltiplo de 2 ou de 4 (para apoio da Gráfica do Comunicação e Cultura, sempre múltiplo de 4).	

8 Calculando o custo de impressão

A escola recebe recursos de custeio que podem ser aplicados tanto na compra de insumos para impressão própria ou em serviços de impressão do Jornal Escolar. Consulte a Coordenadora do Mais Educação.

O Comunicação e Cultura oferece serviços de impressão a preço de custo, em papel jornal ou branco, em folhas A3 - dobradas ao meio são 4 páginas. A impressão é em preto e branco.

A escola envia o arquivo contendo o jornal via internet à gráfica do Comunicação e Cultura e o recebe de volta, impresso, pelo correio, junto com a nota fiscal.

No link “Imprima com a Gente” (site www.jornalescolar.org.br) é possível fazer uma simulação do orçamento utilizando os dados do Projeto Editorial.

Esse orçamento serve como referência para comparar propostas de outros fornecedores (para contratar serviços de impressão, a escola deve solicitar 3 orçamentos. Veja recomendações a seguir).

A gráfica do Comunicação e Cultura funciona há 18 anos. Nela são impressos jornais de mais de mil escolas participantes dos programas da organização. Está equipada com copiadoras digitais adquiridas com doação do  **BNDES**

Como solicitar o orçamento de impressão

O FNDE exige que a escola apresente três orçamentos de fornecedores, para qualquer tipo de serviço ou compra de insumos. Veja como a solicitação deve ser feita para serviços de impressão de Jornal Escolar:

Solicitamos orçamento para impressão de exemplares do Jornal Escolar, impressos em folhas A3, frente e verso, preto e branco, em papel jornal. O jornal terápáginas em tamanho A4 (considerando as folhas A3 dobradas ao meio). O orçamento deve incluir a recepção dos materiais do jornal, a orientação pertinente, a correção de erros de editoração eletrônica e a revisão. A validade do orçamento é de 6 meses, com indicação da modalidade de impressão desejada (são aceitos offset, xerox e duplicador digital com resolução mínima de 600 x 600 dpi).

Esclarecimentos sobre a solicitação de orçamento:

- Quantidade de exemplares: colocar a tiragem desejada do jornal.
- Papel jornal pode ser substituído por papel branco.
- Afinal, é A3 ou A4? As folhas A3, dobradas ao meio, formam 4 páginas com tamanho A4. Quando contamos o número de páginas do jornal, contamos essas páginas A4. A gráfica precisa saber que, para um jornal de 4 páginas, terá de imprimir uma folha A3, frente e verso.
- Validade do orçamento: em tempos de inflação estável, não há problemas em solicitar um orçamento válido por seis meses.

É possível financiar o jornal, total ou parcialmente, com o apoio de comerciantes do bairro. O comerciante faz parte da comunidade.

Quantos textos selecionar para o jornal?

A quantidade de textos a selecionar depende do número de páginas do jornal dedicadas às produções das oficinas.

Veja que o PROJETO EDITORIAL deixa a possibilidade de algumas páginas serem utilizadas para publicar textos feitos fora das oficinas, produções de alunos que não são do Mais Educação e/ou recados da direção.

Essas outras páginas não podem ser contadas para selecionar os textos das oficinas.

Quantidade de textos a selecionar, conforme o número de páginas dedicadas às produções das oficinas.					
4 páginas	8 páginas	12 páginas	16 páginas	20 páginas	24 páginas
15 - 25	30 - 50	45 - 75	60 - 100	75 - 125	90 - 150
Caso o número de páginas disponíveis para textos das oficinas não sejam os expostos acima, é só fazer um cálculo proporcional.					

Para o primeiro número de cada caixa foram considerados textos deste tamanho.

É com muito prazer que estamos retomando a publicação do jornal Fala João Nunes, com assuntos e gêneros textuais variados e produzidos em sala de aula.

Após as férias, reiniciando as atividades escolares realizamos eventos importantes, tais como: festa folclórica aberta à comunidade, bloco de palestras para os alunos e pais com o “Ronda do quarteirão”, desfile cívico no entorno da escola, e também palestra para os pais com o Posto de Saúde do bairro sobre a gripe H1N1.

Todas as atividades desenvolvidas visam a construção da cidadania e ampliar a comunicação com os pais dos alunos, e tornarão cada vez mais a escola um espaço de conhecimento para todos os segmentos envolvidos no processo ensino-aprendizagem.

Agradecemos a todos que se envolveram na publicação do Jornal Fala João Nunes, professores, alunos e funcionários.

Diretora

Para o segundo número de cada caixa foram considerados textos deste tamanho:

H1N1 é um vírus conhecido mundialmente pela gripe suína, é um vírus transmitido através de espirros, objetos pessoais como: copo, talheres, pratos e etc. Ela é mais contagiosa em cidades grandes ou seja, onde é maior o número de pessoas circulando diariamente.

Podendo assim espalhar o vírus rapidamente. No Brasil já morreram várias pessoas inclusive aqui na Paraíba. Os sintomas são: febre muito alta, tosse seca, dor de cabeça e dores musculares.

Vamos todos lutarmos juntos, para combater essa gripe!

Aluno: Erinaldo Edgar – 5º ano

Prof.: Maria do Carmo

Diagramação do Jornal

A diagramação do jornal consiste no ordenamento dos textos e desenhos, o uso de recursos como quadros, marcas d'água e retículas, a determinação do tipo e tamanho de letras utilizadas e do espaçamento entre linhas e parágrafos, entre outros itens. A diagramação determina a "cara" com que o jornal se apresenta ao público. É, portanto, um aspecto muito importante. Essa tarefa é executada no computador.

Pré-diagramação

É difícil fazer a diagramação de forma coletiva, por ser uma tarefa eminentemente técnica e centralizada.

Felizmente é possível realizar atividades coletivas de pré-diagramação, para escolher as matérias principais, os destaques, as melhores ilustrações, a arrumação preliminar de todo o material. Essas instruções são repassadas a uma equipe mais reduzida ou até a uma única pessoa, para que as execute no computador.



No Programa Mais Educação, a pré-diagramação cooperativa é um pouco mais complicada, pois são várias turmas participando do Jornal Escolar, e não é possível para cada turma montar um pedaço do jornal nem reunir todo mundo em uma espécie de assembléia.

Existem, porém, duas alternativas:

- Na primeira, a pré-diagramação é realizada por uma única turma, rotativamente. Nesse caso, o facilitador deve encontrar uma atividade para as outras turmas na semana em que acontece a pré-diagramação;
- A segunda opção é criar um grupo de pré-diagramadores formado por representantes de cada turma, que podem ir se alternando. A dificuldade aqui consiste em encontrar um horário para esse grupo se encontrar.

Deve-se destacar que, antes da pré-diagramação, existe a seleção dos textos e desenhos que compõem o jornal. Via de regra, as turmas produzem mais textos do que é possível publicar. Esta seleção deve ser feita, de forma cooperativa, durante as oficinas. Veja a seção BOAS PRÁTICAS PARA O JORNAL ESCOLAR deste Guia.

No final desta seção você encontrará:

- Plano de Aula para a oficina de pré-diagramação;
- Guia de Pré-diagramação, com instruções úteis.

Para fazer a pré-diagramação é necessário que os textos estejam digitados. Caso contrário, é impossível calcular o espaço que ocuparão nas páginas. A digitação pode ser feita pelo monitor do Mais Educação ou mesmo pelos alunos. Porém, é fundamental fazer uma revisão posterior para evitar deformações e depurar erros de digitação. Essa revisão não é de responsabilidade do diagramador.

Diagramação eletrônica

A diagramação eletrônica é feita com ajuda de programas de computador. É muito difícil realizá-la de maneira coletiva.

Havendo no grupo do jornal alunos com conhecimentos adequados de informática, eles poderão fazer a diagramação, em uma equipe de trabalho com no máximo 4 integrantes. A diagramação eletrônica poderá ser elaborada também pelo monitor do Mais Educação ou por qualquer outra pessoa com domínio de programas de editoração eletrônica.

Para as escolas onde não há quem saiba usar algum desses programas, o Comunicação e Cultura criou um Tutorial (sequência de aprendizagem guiada passo-a-passo) para a diagramação de jornais. O material ensina a utilizar três programas proprietários (Corel Draw, Publisher e Page Maker) e dois programas gratuitos (BROffice e Scribus).

O tutorial está disponível no site www.jornalescolar.org.br. Ele roda em Windows ou Linux. Os programas gratuitos podem ser baixados seguindo o link fornecido no site. Além desses recursos, estão disponíveis modelos de jornais, um programa gratuito de compactação de arquivos (útil para enviar o jornal para a gráfica) e um Manual de Digitação. É possível também receber um CD-ROM com todos esses conteúdos.

Caso não exista na escola alguém disponível ou capacitado para fazer a diagramação eletrônica, existem outras possibilidades:

- Parceria com pessoa ou empresa que presta serviços de computação gráfica. Pode-se conseguir um patrocínio para pagar esse serviço. Por exemplo: um comerciante coloca sua propaganda no jornal com custo de R\$ 50; esse valor é repassado ao diagramador;
- Uma lan house próxima da escola faz parceria para a diagramação do jornal. Em contrapartida, a propaganda do estabelecimento é inserida na publicação;
- O jornal é diagramado pela própria Secretaria de Educação. Deve-se recorrer a este plano só em último caso, pois é possível que o jornal acabe atrasando.





Sequência Didática Artigo de Opinião

» Plano de Aula **Oficina de pré-diagramação**

OBJETIVOS

Fazer a pré-diagramação do jornal (a pré-diagramação consiste em determinar em que página será publicado cada texto e ilustração).

PREPARAÇÃO

- Ler o Plano de Aula.
- Trazer para a reunião os textos escolhidos pelas diferentes turmas já digitados e impressos.
- Para cada texto, contar e anotar a quantidade de linhas.
- Trazer os desenhos e ilustrações escolhidos para esses textos (se possível, grampeados junto com os textos).
- Ler e apropriar-se do Guia de Pré-diagramação.

SÍNTESE

1. Seleção de textos e ilustrações para cada página.
2. Preparação do esboço da diagramação de cada página.

PLANO DE AULA

Atividade	Duração	Material
INTRODUÇÃO O educador explica ao grupo o trabalho do dia.	5 min	
SELEÇÃO DE TEXTOS PARA A PRIMEIRA PÁGINA 1. Os alunos escolhem os textos que consideram mais importantes ou mais interessantes para primeira página do jornal. O encaminhamento da atividade depende da quantidade de textos escolhidos anteriormente para publicação. - Se houver um número suficiente de textos, cada aluno recebe dois ou três e seleciona aquele que quer publicar na primeira página (tem cinco minutos). - Se forem poucos textos, formam-se grupos para fazer a seleção.	15 min	Papel, lápis, borracha, folhas em branco.
2. A seguir formam-se grupos (ou fusionam-se os formados na atividade anterior), que recebem os textos pré-selecionados na fase anterior, e escolhem aquele que desejam publicar na primeira página. Os grupos têm direito a pleitear a publicação de mais de um texto, caso considerem que eles são igualmente importantes.	15 min	

Se o número de textos for insuficiente para essa dinâmica, o educador organizar grupos de três alunos que recebem dois ou três textos, e selecionam um para a primeira página.

TRABALHO EM GRUPOS

Grupo A. Cinco alunos vão trabalhar na primeira página. Recebem os textos escolhidos e os desenhos/fotos correspondentes, e realizam as seguintes atividades:

- Verificam se o total de linhas dos textos é compatível. Caso sobrem textos, repassam para o segundo grupo.
- Escolhem a ilustração ou as ilustrações que querem publicar.
- Fazem o esboço de diagramação (o professor dedicará alguns minutos a explicá-lo, com ajuda do modelo a seguir).

Os autores dos textos selecionados para a primeira página não devem participar deste grupo.

Grupo B. Demais alunos

- Inicialmente agrupam os textos que sobraram por temas afins.
- A seguir escolhem as páginas onde esses temas serão publicados. O educador recomenda que os assuntos mais importantes sejam colocados nas páginas ímpares (3, 5, 7 etc.), pois têm mais visibilidade.
- Também determinam onde serão publicados os textos "solto" (que não foi possível agrupar por temas).

Recomendação: Acompanhar o trabalho deste grupo para evitar que se coloque uma quantidade excessiva de textos em uma página e poucos em outra.

TRABALHO EM GRUPOS (CONTINUAÇÃO)

1. O educador forma um grupo por página, excluindo a primeira, que já foi finalizada na atividade anterior.
2. Cada grupo recebe os textos escolhidos para a sua página. Também recebe os desenhos/fotos correspondentes.
3. Esses grupos repetem a mesma atividade realizada pelo grupo da primeira página anteriormente.

Caso sobrem alguns textos, esses são devolvidos ao educador.

Recomendação: Se a quantidade de alunos for muito grande, o educador pode dispensar os alunos que participaram do grupo da primeira página e já fizeram a experiência completa da pré-diagramação.

15 min

Veja como organizar os materiais para entregar ao diagramador do jornal.

- 1) Entregar os textos digitados em fonte Times New Roman, tamanho 11.
- 2) Textos manuscritos e desenhos devem ser feitos com tinta preta (não podem ser feitos a lápis). Não enviar desenhos com letras ou detalhes muito pequenos. Os desenhos devem ser numerados.
- 3) Verificar se as fotos são de boa qualidade e não foram tiradas a muita distância. As fotos devem também ser numeradas.

Junte a esses arquivos uma folha com as instruções para o diagramador, indicando os títulos das matérias e os desenhos/ fotos numerados que devem ser publicados em cada página.

Indique também as outras instruções que considere necessárias. Por exemplo: “Colocar dentro de um quadro”, “Esta é a matéria principal”; etc.

Se preferir, você pode também fazer um esboço, mostrando a arrumação da página (veja um exemplo na página seguinte).



QUESTÃO FUNDAMENTAL:

Quantos textos cabem em uma página?

Conte quantas linhas tem o texto digitado em Times New Roman tamanho 11. Em cada página do jornal cabe uma determinada quantidade de linhas.

Exemplo: em uma primeira página, que tem o cabeçalho do jornal, cabem 70 linhas. Se, além de textos, será publicado nessa página um desenho que ocupa 1/4 do espaço, os textos devem ser cortados na mesma proporção:

$$70 \text{ linhas} - 1/4 = \text{sobram } 52 \text{ linhas.}$$

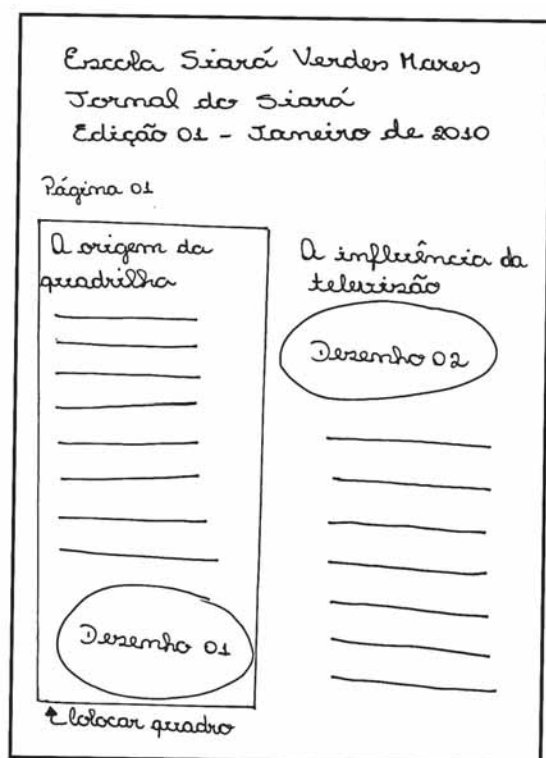
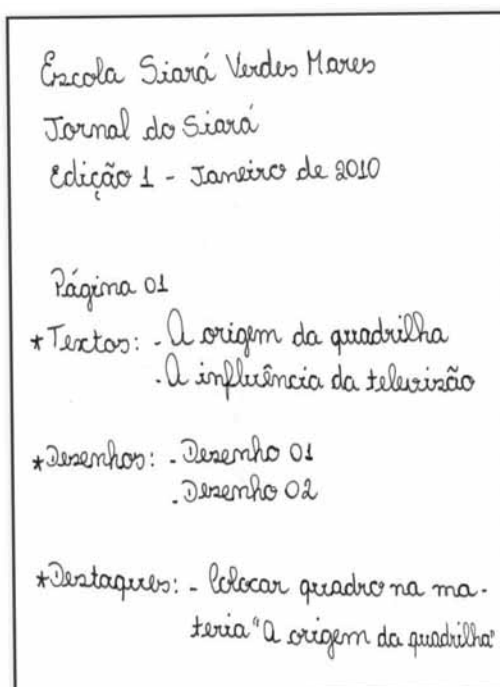
• Importante!

O tamanho (quantidade de linhas) dos textos que é possível colocar em cada página varia conforme tenham espaços ocupados pelo cabeçalho, rodapés, anúncios etc. Também conta o tamanho dos desenhos e fotos. Veja a tabela abaixo:

Página	Tamanho dos textos			
	Página sem desenhos ou fotos	Desenhos e fotos ocupam 1/4 da página	Desenhos e fotos ocupam meia página	Desenhos e fotos ocupam 1/3 da página
Com cabeçalho ou com rodapé de 5 cm de altura	70 linhas	52 linhas	35 linhas	17 linhas
Sem cabeçalho e sem rodapé	84 linhas	63 linhas	42 linhas	21 linhas

Duas formas de dar as instruções ao diagramador:

- 1** Em uma folha, identifique os textos e ilustrações que irão preencher cada página do jornal.



- 2** Faça um esboço do jornal, indicando a posição que cada produção deverá ocupar na página.

Caso queira, você pode dar essas instruções em um modelo de página, com 3 colunas, que está disponível para baixar na seção Diagrame seu Jornal do site www.jornalescolar.org.br

Dúvidas e esclarecimentos, escreva para diagramacao@comcultura.org.br

GUIA DO JORNAL ESCOLAR
no Programa Mais Educação

VERSÃO PRELIMINAR
Fortaleza
2010

Comunicação e Cultura
Rua Castro e Silva 121
60030.010 Fortaleza
comcultura@comcultura.org.br



“... a qualidade dos progressos, sejam escolares ou extraescolares, vem sempre da nossa sede de conhecer e de agir e do interesse que pomos no nosso próprio trabalho. Por meio do jornal escolar despertamos esta curiosidade e este interesse (...) Por intermédio do jornal escolar, a criança é bem sucedida: triunfa com o seu texto, que se torna uma página definitiva difundida na aldeia e através do espaço: triunfa com a sua gravura e os desenhos que dão beleza à obra coletiva”.

Celestin Freinet